

ENTRE O DEMÔNIO E A DIVINA PROVIDÊNCIA: O SOBRENATURAL NO PROCESSO DE CRISTIANIZAÇÃO DOS NATIVOS NA CRÔNICA JESUÍTA (MISSÕES DE CHIQUITOS, FIM DO XVII E INÍCIO DO XVIII)¹

Resumo: Esta nota de pesquisa apresenta a análise de uma crônica histórica produzida por um missionário jesuíta das missões religiosas de Chiquitos. Partindo da hipótese de que os elementos sobrenaturais (demônio e a Divina Providência) são relevantes na estruturação das relações sociais nas reduções jesuíticas estudadas, e tendo como base o estudo de bibliografia especializada sobre a temática da agência sobrenatural na América, buscamos compreender de que modo o Padre Juan Patricio Fernandez (Chiquitos, fim do XVII e início do XVIII) concebe a influência dos agentes sobrenaturais no processo de cristianização dos nativos das colônias espanholas em território americano e na sua respectiva ordenação social.

Palavras-chave: Jesuítas; Crônica histórica; Sobrenatural.

BETWEEN THE DEVIL AND DIVINE PROVIDENCE: THE SUPERNATURAL IN THE PROCESS OF CHRISTIANIZATION OF THE NATIVES IN THE JESUIT CHRONICLE (MISSIONS OF CHIQUITOS, END OF SEVENTEENTH AND EARLY EIGHTEENTH CENTURIES).

Abstract: This paper presents an analysis of the chronicle written by a Jesuit missionary who evangelized in the missions in Chiquitos. The research is based on the hypothesis that the supernatural elements (demon and Providence) are relevant to structure the social relations in the Jesuit missions as well as on the study of specialized bibliography. Therefore, we intend to understand how Father Juan Patricio Fernandez (late Seventeenth to early Eighteenth centuries) conceived the influence of supernatural agents in the Christianization of the natives in the Spanish-American colonies and their role in building a social order.

Keywords: Jesuits; Historical chronicle; Supernatural.

¹ Juan Pablo Isoton de Santana (<http://lattes.cnpq.br/0547751854490047>) é graduando pela UFMT

Artigo recebido em 06/05/2018 e aprovado em 10/07/2018

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

O trabalho a qual se vincula a presente nota é desenvolvido através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, o PIBIC, com vigência entre os anos de 2017 e 2018, estando assim ainda em estado de desenvolvimento das discussões e de interpretações. Esta investigação tem seu princípio numa anterior, vigente entre 2016 e 2017, que se intitulava “*A Companhia de Jesus nos limites do vice-reino do Peru: relações sociais nas missões de moxos segundo a crônica de Diego de Eguluz.*”. Nesse momento partimos com a análise de uma crônica escrita em 1696 pelo padre jesuíta Diego de Eguluz, que se dedicou em sua “*Historia de la Misión de Mojos*” a narrar o desenvolvimento das missões jesuíticas de Moxos, situadas próximas à cidade de Santa Cruz de la Sierra, atual Bolívia. A questão que norteava esta investigação era descobrir como Eguluz representava, em sua narrativa, as relações entre missionários e indígenas nas missões de Moxos no final do século XVII. A partir dos resultados obtidos com tal problemática, um leque de possibilidades analíticas apareceu a nós, resultando no trabalho que hoje desenvolvemos.

O que nos parece interessante neste quadro dos aspectos introdutórios, a partir daqui, é evidenciar os aspectos históricos partindo do geral ao particular, determo-nos sobre as fontes e apresentar os objetivos de nosso plano.

Temática essencial da pesquisa, a Companhia de Jesus teve singular importância durante o processo de colonização e conquista de todo o território que hoje compreendemos como *América Latina*. Seu lugar de destaque é de vital importância para compreendermos a evangelização dos povos nativos que estavam instalados nessa localidade, além do próprio avanço institucional de portugueses e

espanhóis em todo o continente. Fundada em 1539 pelo Padre Ignácio de Loyola, e reconhecida pelo papa em 1540, a Companhia de Jesus logo se espalhou pelo globo, chegando no atual território do Brasil no ano de 1549, ainda na primeira década após seu reconhecimento pelo Sumo Pontífice. Em terras espanholas, onde já se encontravam outras ordens missionárias, como dominicanos e franciscanos, chegaram em 1566, na Flórida, seguindo para outras partes do continente, tais como o Vice-Reino do Peru (1568), México (1572), Novo Reino de Granada (1589) e Chile (1593). A presença e a expansão dos jesuítas na América espanhola durante o período colonial coincidiram com os avanços da coroa, e seu papel relevante esteve associado à fundação de colégios, que tinham a finalidade de educar e catequizar espanhóis e ameríndios, além da organização e administração de reduções de indígenas, que também se associavam à questão da catequese e da educação de povos nativos, porém distantes das principais cidades.

No Vice-Reino do Peru, acompanhando o avanço dos espanhóis, os jesuítas se integraram no processo de conquista espiritual dos povos do interior do continente, desde o século XVI, chegando em locais como a atual cidade de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Este avanço ao interior do continente permitiu que os jesuítas entrassem em contato com diversas etnias indígenas, entre elas os chiriguanos, os moxos e os chiquitos. No fim do século XVII, enfim, a Companhia já havia instalado reduções em duas missões distintas entre esses povos: as de Moxos, que se vinculavam com Santa Cruz de la Sierra e Lima, e as de Chiquitos, que partiram de Santa Cruz mas que se ligavam com a Província do Paraguai.

Dessas empresas missionárias, assim como de todas suas ações ao redor do globo, a Companhia de Jesus deixou diversos documentos que servem aos historiadores como vestígios desse passado, como as cartas, as crônicas e as relações, que estão imersas de relatos etnográficos e

históricos. Desses documentos, dedicamo-nos, como apontado acima, através da Iniciação Científica de 2016-2017, a estudar uma relação referente às missões de Moxos, a “*Relación de la mision apostólica de los Mojos*”, escrita no final do século XVII pelo Padre Diego de Eguiluz. Dentre os resultados obtidos, deparamo-nos com a questão do sobrenatural ligado às relações sociais descritas na fonte, relações sociais estas que eram então nosso objeto de análise. Na pesquisa atual decidimos utilizar outra crônica histórica, desta vez relacionada às Missões de Chiquitos, que corresponde também a outro quadro geográfico, a “*Relación historial de las misiones de los índios, que llaman Chiquitos*”, escrita pelo Padre jesuíta Juan Patricio Fernandez, em 1726, a fim de responder à seguinte questão: de que forma Fernandez concebe a influência dos elementos sobrenaturais no processo de cristianização dos índios Chiquitos no contexto das missões religiosas?

Nossa hipótese inicial sugeria que, entre os elementos sobrenaturais, a Divina Providência e o demônio tinham relevante papel na estruturação das relações sociais nas missões de Moxos. Partindo dessa hipótese, é nosso objetivo no presente estudo desvendar a influência dos agentes sobrenaturais no processo de cristianização indígena no desenvolvimento das Missões de Chiquitos, a partir dos escritos do Padre missionário Juan Patricio Fernandez.

Nosso recorte temporal tem como marcos os anos de 1691 e 1705. Essas datas estão interligadas diretamente com o método utilizado em nosso trabalho e com as decisões tomadas no decorrer da pesquisa. O texto escrito por Fernandez é composto de dois tomos, o primeiro com 282 páginas e o segundo com 249, o que significou um relevante trabalho para a seleção de trechos que diziam respeito ao nosso problema. Os trechos selecionados para análise partem da premissa de que ocorre alguma ação por parte do sobrenatural que influencia o

desenvolvimento do processo de cristianização dos indígenas inscrito na *Relación*. Assim, constatamos que em determinados momentos da narrativa Deus e o Diabo influenciavam de modos específicos o andamento da empresa missionária. Como surgiram vários trechos, buscamos focar nossa análise num período, em que pudéssemos observar um estado de mais desenvolvimento das missões, e de fato, em 1705 Chiquitos já possuía quatro reduções em atividade. Dessa forma, os dois casos a serem analisados nessa Nota de Pesquisa referem-se especificamente aos anos extremos de nosso recorte.

O SOBRENATURAL NA AMÉRICA

A temática da presença do sobrenatural na América tem sido estudada há décadas por diversos historiadores. A presença da Igreja cristã em todo o processo de colonização do continente por parte dos europeus carregou consigo a manifestação divina e demoníaca na fauna, na flora e nos homens do Novo Mundo². O movimento de demonização e/ou divinização da América, porém, teve início com os homens europeus diante do novo, do não familiar, de um espaço de terra que ainda não se encontrava inscrito nos mapas de navegadores, de povos desconhecidos que não faziam ideia da existência do Deus cristão. Ao investigar a relação do Diabo com o continente americano no período colonial, a historiadora Laura de Mello e Souza afirma que a visão europeia sobre o Novo Mundo carregaria os traços do imaginário maravilhoso europeu, que fora constituído durante séculos de Idade Média e com as obras fantásticas de viajantes como Mandeville³.

² Para a presença de Deus e o Diabo na natureza americana, cf. CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Católicos y Puritanos en la Colonización de América*. Tradução de Pablo Sánchez León. Marcial Pons História, Madrid, 2008, principalmente o quarto capítulo, intitulado "Demonologia y Naturaleza".

³ MELLO E SOUZA, Laura. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 35.

O maravilhoso visto na América não tardou a ser inscrito na lógica europeia de um mundo feito de bem e mal, de anjos e demônios. Segundo Jean Delumeau, ao encontrarem o Novo Mundo os europeus teriam encontrado um território gigantesco que estava sob o jugo de Satã. O autor argumenta que “os missionários e a elite católica em sua maioria aderem à tese expressa pelo padre Acosta: desde a vinda de Cristo e a expansão da verdadeira religião no Antigo Mundo, Satã refugiou-se nas Índias, da qual fez um de seus baluartes”⁴. Se o demônio estava presente desde o início da colonização, a Divina Providência também dava as caras. Para os portugueses, por exemplo, e principalmente entre os eclesiásticos, era generalizada a ideia de que o próprio descobrimento da América provinha de uma ação divina⁵. Assim, a ideia corrente no período colonial era a de que no Novo Mundo ocorria um embate entre Deus e o Diabo, entre o Bem e o Mal nas mais diversas frentes do mundo cotidiano⁶.

Deus e o Diabo eram, portanto, entes concretos na paisagem do Novo Mundo. O que se destaca de início é a edenização do continente realizada desde as viagens de Colombo. O descobrimento da América revelava um mundo paradisíaco que logo seria associado pelos cristãos ao Paraíso divino mencionado na Bíblia: “Associar a fertilidade, a vegetação luxuriante, a amenidade do clima às descrições tradicionais do Paraíso terrestre tornava mais próxima e familiar para os europeus a terra tão distante e desconhecida”, afirma Mello e Souza. Pássaros com lindas cores, rios em abundância, doces frutos e coloridas flores eram a

⁴ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 260

⁵ MELLO E SOUZA, Laura. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 51.

⁶ MELLO E SOUZA, Laura. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização século XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 22.

expressão de Deus na natureza recém-descoberta: “esta, elevada à esfera divina, mais uma vez reiterava a presença de Deus no universo.”⁷

Se a Divina Providência se inscrevia na natureza, o Diabo estava nos corpos. Assim, o contato com seres humanos de cultura estranha desencadeou a demonização dos grupos nativos da América. Trabalhando com o conceito de *heterologia* (ou a ciência do Outro), e defendendo que a demonização dos indígenas deve ser compreendida sob esta perspectiva, Mello e Souza afirma que a esta demonologia surge a partir do olhar dos homens brancos sobre o Outro que na verdade tendia a ter uma visão do “eu” europeu. Na Europa, bruxos e bruxas eram classificados internamente como o *outro* fora dos padrões, identificados por alguns como a “anti-sociedade”. Transportado para a América, esse olhar heterológico se desenvolvia pela negação: “nomeava-se e se classificava o Outro ameaçador com os elementos negativos e detratores por excelência disponíveis no âmbito da cultura dos conquistadores e colonizadores da América”⁸. Dessa forma, através das práticas religiosas dos nativos via-se expressões do sobrenatural no mundo material, ou melhor, o que se via era mesmo a influência do demônio sobre os homens e mulheres originários do Novo Mundo. Um dos motivos elencados pela historiografia para explicar a demonização dos indígenas por parte dos europeus foi a prática antropofágica presente na cultura de diversas etnias nativas. Como assinala o historiador Jorge Cañizares-Esguerra, havia na época o pensamento corrente de que os índios eram servos de Satanás, e que isso estava relacionado com a ideia

⁷ MELLO E SOUZA, Laura. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 51-52.

⁸ MELLO E SOUZA, Laura. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização século XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 25.

de que o canibalismo era uma prática cultural extremamente difundida entre os indígenas⁹.

Se os nativos eram servos, o Diabo era seu o senhor. Não tinham fé, não tinham rei e não tinham lei. Seus cultos eram vistos pelo olhar heterológico como parte de uma idolatria satânica, banhada pela imagem dos corpos devorados. Dessa forma, como apresenta Francismar Alex Lopes de Carvalho, era parte do sentir comum que “o diabo erigira no Novo Mundo um verdadeiro império, que aprisionava os índios em práticas e rituais idolátricos”, no sentido de que idolatria (adoração a falsos deuses) era sempre equivalente a demonolatria, “à adoração do diabo”¹⁰. Retornando a Cañizares-Esguerra encontramos uma sua afirmação de que era considerado que o diabo exercia domínio sobre os nativos americanos de forma tirânica, porque ele próprio havia escolhido esse lugar como seu feudo¹¹, após ser expulso da Europa pelos homens da Igreja. Assim, o que se construiu em matéria de épica satânica¹² (termo utilizado por Cañizares-Esguerra) foi que o demônio era considerado como uma espécie de senhor feudal da América que exercia domínio sobre os nativos. A chegada dos europeus, impulsionada pela Providência Divina, significava a luta de Deus contra Satã em prol

⁹ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Católicos y Puritanos en la Colonización de América*. Tradução de Pablo Sánchez León. Marcial Pons Historia, Madrid, 2008, p. 129.

¹⁰ CARVALHO, Francismar Alex. L. Imagens do demônio nas missões jesuíticas da Amazônia espanhola. *Varia historia*, v. 31, n. 57, p. 741-785, 2015, p. 743.

¹¹ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Católicos y Puritanos en la Colonización de América*. Tradução de Pablo Sánchez León. Marcial Pons História, Madrid, 2008, p. 22.

¹² O que Cañizares-Esguerra denomina como épica satânica é o conjunto de narrativas, escritas ou iconográficas, produzidas pelos europeus acerca do processo de colonização da América, tanto por parte dos espanhóis quanto dos puritanos ingleses. No cerne dessas narrativas encontra-se sempre disputas entre os agentes sobrenaturais de que falamos, sendo que o demônio era visto como o possuidor das Américas e os colonizadores estavam a serviço de Deus contra o Mal. Para melhor apreciação dos componentes dessa épica, cf. o segundo capítulo do livro do autor já aqui mencionado, denominado “La épica satánica”.

da expulsão dos demônios: os cristãos, e aqui a Companhia de Jesus eram parte relevante dessa batalha.

A América, lugar primeiramente de olhares maravilhosos, fora demonizada. Dos homens, a agência diabólica passou a se expressar até mesmo na natureza que antes fora edenizada: animais peçonhentos, mosquitos e tempestades faziam parte do arsenal demoníaco encontrado pelos colonizadores. Porém, apesar dos prejuízos, os homens de Deus não se sentiam desamparados por seu Senhor. Pelo contrário, através da Providência Divina os cristãos encontraram a motivação e a legitimação de suas ações no Novo Mundo. O processo colonizador (de terras e de almas) estava curiosamente escrito nos desígnios de Deus como parte de uma luta mais-que-material entre as variantes opostas que regem o mundo. Como afirma Carvalho, “os missionários europeus, e em especial os jesuítas, inseriam o processo de ‘conquista espiritual’ das terras amazônicas em uma narrativa de luta entre as forças do bem e do mal”¹³. O que também era curioso é que o demônio ganhava forma e podia estar nos corpos de colonizadores, dependendo da dinâmica das disputas em jogo e das instituições participantes do conflito. Assim, no desenrolar da colonização do interior do continente sul-americano em fins do século XVII, podemos ver os ecos do domínio de Satanás sobre espaços e corpos ainda não conquistados pelos cristãos. Na fundação das Missões de Chiquitos, por exemplo, pode-se ver de perto a luta de Deus contra os desígnios do Mal.

O SOBRENATURAL NAS MISSÕES DE CHIQUITOS

A crônica escrita pelo Padre Juan Patricio Fernandez sobre o desenvolvimento histórico das Missões de Chiquitos é um verdadeiro mar

¹³ CARVALHO, Francismar Alex. L. Imagens do demônio nas missões jesuíticas da Amazônia espanhola. *Varia historia*, v. 31, n. 57, p. 741-785, 2015, p. 743.

de casos em que os agentes sobrenaturais atuam a favor ou contra o processo de cristianização indígena empreendido pelos jesuítas. Como consta nesse documento e no texto de Antônio Menacho, foram várias e infrutíferas as tentativas de adentrar o território dos índios denominados Chiquitos, desde o século XVI.

No decorrer do XVII, enquanto a empresa evangelizadora estava a cargo da Província do Peru, nada fora concretizado. Em fins deste mesmo século a província do Paraguai tomou para si o trabalho de evangelizar esses grupos que viviam no espaço que hoje corresponde ao Leste boliviano, próximo à fronteira do com o Brasil¹⁴. No ano de 1691 um padre chamado Joseph de Arce fora designado para se dirigir a este território com o objetivo de fundar a primeira redução das Missões de Chiquitos, mas para isso tinha que passar pela cidade de Santa Cruz de la Sierra antes de seguir ao seu destino.

De acordo com o relato de Fernandez, o Padre J. de Arce acabara de chegar em Santa Cruz de la Sierra e estava pronto para partir aos Chiquitos, “quando o inferno, que se interessava tanto que se embaraçassem seus desígnios, levantou contra ele um turbilhão de perseguição”¹⁵. Valendo-se de toda sua autoridade esse inferno perturbou ardentemente o soldado de Cristo, tentando convencê-lo de que sua empresa não seria de grande valor, que não havia motivos para

¹⁴ MENACHO S.J., Antonio. Fundação das reduções de Chiquitos. In: HOORNAERT, Eduardo (org.). *Das Reduções Latino-Americanas às lutas indígenas atuais* (IX Simpósio Latino-Americano da CEHILA, Manaus, 29 de julho a 01 de agosto de 1981). São Paulo: Edições Paulinas, 1982, p. 210.

¹⁵ FERNÁNDEZ, J. Patricio. Relación historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañía de Jesús. Escrita por el P. J. Patrizio Fernandez. S. J. Reimpresión fielmente según la primera edición que sacó á luz el P. G. Herrán, en 1726. Madrid: Librería de Victoriano Suárez, Editor. Núm. 48, 1895, “cuando el infierno, que interesaba tanto en que se embarazasen sus designios, levantó contra él un torbellino de persecución”, p. 79.

achar que daria certo e que era mais vantajoso que procurasse outro lugar para empreender sua missão religiosa.

No meio dessa história Fernandez faz um recuo no tempo para contar a trajetória de antigos espanhóis mercadores de índios que fizeram fortuna e adquiriram muito poder com o apresamento e venda dos nativos do Novo Mundo. "Entravam estes nas terras dos índios circunvizinhos e em breve tempo faziam grande apresamento de escravos", e os vendiam no Peru. No tempo em que P. Arce chegou em Santa Cruz de la Sierra, tendo encontrado esta prática tão arraigada na cidade, "e tão apoiada com a autoridade de gente de muita suposição", acabou ficando horrorizado com tal crueldade e passou a fazer frente contra os poderosos responsáveis pelo comércio de indígenas e que queriam atrapalhar seus projetos religiosos. Após muitas e eficazes súplicas de Arce, esses mercadores acabaram por admitir a ida do padre às tão estimadas missões, certos de que o trabalho haveria de ser em vão, ou melhor dizendo, "persuadidos de que, ou consumido dos muitos trabalhos que era preciso padecer, ou morto pelas mãos dos bárbaros, acabaria em breve a vida [do Padre]", e por isso lhe deram passagem¹⁶.

O interesse do demônio em impedir o avanço do missionário revela uma das problemáticas decorrente de um estágio ainda de contato entre os jesuítas e os índios que pretendiam evangelizar. Nesse estágio não se firmara experiências frutíferas entre os Chiquitos e parece haver uma barreira demoníaca tentando impedir a todo custo o avanço da Ordem. Os primeiros passos de Arce na batalha contra o Diabo não

¹⁶ FERNÁNDEZ, J. Patricio. Relación historial... "Entraban éstos en las tierras de los indios circunvecinos y en breve tiempo hacían gran presa de esclavos", p. 81; "y tan apoyada con la autoridad de gente de mucha suposición", p. 83; "persuadidos á que, ó consumido de los muchos trabajos que era preciso padecer, ó muerto á manos de los bárbaros, acabaría en breve la vida [de lo Padre]", p. 84.

poderiam ser dados sem que o velho senhor dessas terras fizesse frente. Nesse caso, o que fica claro de imediato é que ao utilizar as palavras “inferno” e “demônio” o cronista se dirige aos espanhóis mercadores de índios. Aqui o demônio ganha corpo, poder e lugar social. Mais ainda, utiliza o inferno para demonstrar um conflito concreto existente no seio da sociedade em que atua. Como o demônio, o mercador de índios é, para Fernandez, uma autoridade maligna, e está contra os planos da Companhia e de Deus. Nessa batalha que ocorre em duas frentes, no plano divino o mal é representado pela figura do demônio; transportado ao plano material, o mal ganha vida, ocorre no tempo, e deixa claro a disputa feroz em que os jesuítas estavam metidos¹⁷.

O outro caso selecionado para análise se desdobra quando já havia sido fundado quatro reduções em Chiquitos. Num capítulo em que Fernandez dedica-se a detalhar os avanços, exemplos e milagres das reduções que se encontravam em desenvolvimento, um episódio sucedido com um índio castigado por Deus nos chama atenção.

Havia um homem chamado Santiago Quiara, índio já batizado, e que há pouco passou a viver em concubinato com uma certa mulher, desprezando as leis divinas. Tendo isso ocorrido, Deus mandou-lhe uma severa doença em seus olhos que lhe tirou a capacidade de enxergar. Logo Santiago caiu em si de que sua doença tinha origem em seu pecado, e pelos muitos sofrimentos acabou implorando e pedindo misericórdia ao Senhor Supremo, dizendo: “Oh, meu Jesus: ainda que eu não mereça, perdoai meus pecados, e restitua-me o uso de meus olhos;

¹⁷ Em relação às dificuldades encontradas no início das missões a partir de Santa Cruz de la Sierra e os conflitos com os cruceños, cf. GARCÍA RECIO, José Maria. *Los jesuitas en Santa Cruz de la Sierra hasta los inicios de las reducciones de Moxos y Chiquitos. Posibilidades y limitaciones de la tarea misional*. Quinto centenario, núm. 14. Edit. Univ. Complutense. Madrid, 1988, esp. pp. 77, 85 e 86.

reconheço, Senhor, e confesso que esse trabalho é justíssimo castigo de minhas culpas". Com isso Santiago ouviu uma voz, como se fosse de alguém que "estava enojado", dizendo a ele: "Por teu amancebamento e pelas confissões mal feitas, sobreveio a ti esta desgraça". Ao ouvir estas palavras Santiago saiu fora de si, "e naquele ponto se viu cercado de uma luz"¹⁸, recebendo uma manifestação divina, que de tão impactante o fez se arrepender e confessar ao Padre sobre seu caso de concubinato. Ao fim da manifestação divina o homem estava curado de sua doença, mas o efeito maior deste caso, segundo Fernandez, foi que nas duas reduções de São José e de São Francisco Xavier um grande exemplo fora suscitado em relação à importância da confissão e ao divino castigo¹⁹.

Esse caso, como muitos dos que se inscrevem em nosso documento, conta com uma lógica por trás: um sujeito em estágio de averiguação do comportamento foge das regras estabelecidas no interior das reduções cristãs e é punido por Deus; essa punição desencadeia uma confissão e gera um relevante exemplo para a cristandade em desenvolvimento. Com o exemplo de Santiago podemos averiguar algumas das ações que eram consideradas pelo padre como digno do castigo divino: o concubinato e a má confissão. O resultado desse caso é um exemplo do que acontece com quem desobedecia às normas impostas na vida reduzida, qual seja, uma doença nos olhos. Esse exemplo demonstra a consciência indígena perante o que se pode suceder ao desvio da norma: uma penitência provinda de Deus em nome do bom andamento das missões. A influência do sobrenatural,

¹⁸ FERNÁNDEZ, J. Patricio. *Relación historial...* "Oh, Jesús mío: aunque no lo merezco, perdonadme mis pecados, y restituidme el uso de mis ojos; reconozco, Señor, y confieso que este trabajo es justísimo castigo de mis culpas"; "Por tu amancebamiento y por las confesiones mal hechas, te ha sobrevenido esta desgracia"; "y en aquel punto se vió cercado de una luz", p. 146.

¹⁹ FERNÁNDEZ, J. Patricio. *Relación historial...* O caso todo se desenvolve entre as páginas 145-148.

desta vez distinta do primeiro caso analisado nessa Nota, se expressa frente a outras problemáticas diferentes das que ocorriam na fundação das reduções. Os problemas enfrentados pelos jesuítas nesse estágio de desenvolvimento das missões dizem mais respeito ao controle social dos grupos inseridos nas reduções do que ao enfrentamento contra o bloqueio do avanço territorial por conta do Diabo.

Uma das problemáticas mais relevantes desse caso diz respeito ao lugar de destaque da confissão dentro do processo catequético, que fora evidenciado através da ação sobrenatural. Esse tema tem lugar de destaque nas discussões historiográficas acerca da empresa missionária levada a cabo pelos jesuítas na América (e não só). O historiador Adone Agnolin, debatendo sobre o caráter e a importância dos sacramentos no processo evangelizador católico após o Concílio de Trento, em seu livro “Jesuítas e Selvagens: A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (Séculos XVI-XVII)”, declara como a confissão se tornou instrumento fundamental de averiguação das consciências indígenas em relação à cristianização desses povos.

“Momento crítico determinante na ruptura da Reforma luterana e, ao mesmo tempo, centro do Cristianismo moderno, a questão da penitência, da organização e do controle de culpa – enfim o que poderíamos definir como o “nascimento da consciência” – se impôs, juntamente com a necessidade de garantir o segredo do confessionário, como importância de entender a “confissão geral” enquanto momento de tomada de consciência em relação à existência cristã e de decisão para uma mudança que significava reorganização geral e profunda das relações sociais do penitente.”²⁰

²⁰ AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens - A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (Séculos XVI-XVII)*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007. p. 232.

Apesar das disposições apresentadas pelo autor estarem ligadas ao contexto do século XVI, elas se tornaram parte do modo de agir da Companhia de Jesus, que durante sua atuação nos territórios fora da Europa teve como ferramenta essencial de seu trabalho o instrumento da confissão. A confissão servia como uma forma de *tomada de consciência* dos recém-conversos, uma forma de averiguar o andamento da cristianização dos indígenas, no nosso caso. No trecho selecionado, Santiago fora punido justamente por não confessar estar vivendo em concubinato, o que salienta a importância desse sacramento além de nos dar base para interpretações que considera quais tipos de condutas eram presentes no interior das reduções: nesse caso, o amancebamento.

Em suma, apesar desta investigação ainda estar em processo de desenvolvimento, acreditamos que já tenhamos lançado bases sólidas para uma eventual publicação de um trabalho mais bem consolidado, com discussões teóricas mais profundas acerca do modo de abordar a presença dos elementos sobrenaturais nas missões de Chiquitos. Considerando as limitações impostas para a escrita dessa nota de pesquisa, a maioria dos casos selecionados para análise e exposição não puderam ser aqui considerados. Alguns elementos importantes para a explicação das formas de controle social exercidas no contexto das reduções, mediados pela ação do sobrenatural, como a questão do medo²¹, tiveram que ser deixados de lado, justamente pelos limites desse escrito. De toda forma, estamos trabalhando em prol de aprofundar

²¹ O medo como ferramenta de controle utilizada pelos jesuítas na América é um dos temas estudados por José Eisenberg; cf. seu livro *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

nossas análises sobre os trechos destacados na fonte, com perspectiva positiva quanto à finalização do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORPUS DOCUMENTAL

FERNANDEZ, J. Patricio. Relación historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañía de Jesús. Escrita por el P. J. Patrizio Fernandez. S. J. Reimpresa fielmente según la primera edición que sacó a luz el P. G. Herrán, en 1726. Madrid, Librería de Victoriano Suárez, Editor. Núm. 48, 1895.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens: A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi* (Séculos XVI-XVII). São Paulo: Humanitas Editorial, 2007. 560 p.
- ANZAI, Leny C. "Missões de Chiquitos e Moxos e a Capitania de Mato Grosso". *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, a. VII, 2008/ n. 13/14, p. 253-262.
- ANZAI, Leny C; LUCÍDIO, João Antônio B. "Missões jesuíticas nas fronteiras luso-espanholas do alto Paraguai e Guaporé". In: ANZAI, Leny C; MARTINS, Maria Cristina B. (Orgs). *Pescadores de almas: Jesuítas no Ocidente e Oriente*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos; Cuiabá: EdUFMT, 2012, p. 53-75.
- BLOCK, David. *La cultura reduccional de los llanos de Mojos: tradición autóctona, empresa jesuítica & política civil, 1660-1880*. Sucre: Historia Boliviana, 1997.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Católicos y Puritanos en la Colonización de América*. Tradução de Pablo Sánchez León. Marcial Pons História, Madrid, 2008.
- CARVALHO, Francismar Alex. L. Imagens do demônio nas missões jesuíticas da Amazônia espanhola. *Varia historia*, v. 31, n. 57, p. 741-785, 2015.
- CARVALHO, Francismar Alex L. de C. *Lealdades negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do Sul* (segunda metade do século XVIII). São Paulo: Alameda, 2014.
- CASTILHO PEREIRA, I. A. M.; CHAVES, Otávio R.; PUHLL, João I. "Índios de Mojos e Chiquitos no contexto colonial Ibérico do século XVI ao XVIII". *Revista Territórios & Fronteiras*, v. 5, n. 2, jul.-dez., 2012, p. 32-59.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ESTENSSORO, Juan Carlos. "O sítio de Deus". In: NOVAES, Adauto (Org.). *A Outra Margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 181-200.
- GARCIA RECIO, José María, *Análisis de una sociedad de frontera*. Santa Cruz de la Sierra en los siglos XVI y XVII. Sevilla: Diputación Provincial de Sevilla, 1988.
- GARCÍA RECIO, José María. "Los jesuitas en Santa Cruz de la Sierra hasta los inicios de las reducciones de Moxos y Chiquitos. Posibilidades y limitaciones de la tarea misional". *Quinto Centenario*, n. 14, 1988, p. 73-92.
- LONDOÑO, Fernando Torres. "Escrevendo cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI". *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 43, 2002, p. 11-32.
- LONDOÑO, Fernando T.; MARTINS, Fredson Pedro. Jesuítas, "Indígenas e o código religião nas crônicas de Maynas, Mojos e Chiquitos no século XVIII". *Revista História e Cultura*, v. 3, n. 2, 2014, p. 188-213.

LUCÍDIO, João Antônio B. *A Ocidente do imenso Brasil: As conquistas dos rios Paraguai e Guaporé (1680-1750)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

MELLO E SOUZA, Laura. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização século XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 263 p.

MELLO E SOUZA, Laura. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MENACHO S.J., Antonio. Fundação das reduções de Chiquitos. In: HOORNAERT, Eduardo (org.). *Das Reduções Latino-Americanas às lutas indígenas atuais* (IX Simpósio Latino-Americano da CEHILA, Manaus, 29 de julho a 01 de agosto de 1981). São Paulo: Edições Paulinas, 1982

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

PROSPERI, Adriano. *Tribunais da Consciência: Inquisidores, Confessores, Missionários*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

PUHL, João Ivo. Converter índios, animália Dei em homens, cristãos e súditos civilizados. In: ANZAI, Leny Caselli; MARTINS, Maria Cristina Bohn. *Histórias coloniais em áreas de fronteira: índios, jesuítas e colonos*. São Leopoldo, RS: Oikos; Unisinos; Cuiabá, MT: EdUFMT, 2008.

TOMICHA CHARUPÁ, Roberto. *La primera evangelización de las reducciones de Chiquitos, Bolivia (1691-1767)*. Cochabamba: Editorial Verbo Divino/Univ. Católica Boliviana, 2002.

WRIGHT, J. *Os jesuítas. Missões, mitos e histórias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.